

Como Jarbas se uniu a Serra

Luís Costa Pinto,
Denise Rothenburg
e Daniela Nahass
Da equipe do **Correio**

Na agenda do governador de Pernambuco, Jarbas Vasconcellos, o dia de hoje começou ontem. “Até 2 de abril, tenho um imenso lote de tarefas a cumprir”, disse em Brasília antes de embarcar de volta para o Recife. Ele não pretendia dormir. Convocara reuniões que variaram a madrugada. “Preciso arrumar a casa, e isso não é fácil.” Jarbas referia-se à difícil construção de um nome para sucedê-lo no governo estadual que aglutine o seu PMDB, o PSDB do ex-prefeito recifense Roberto Magalhães, o PFL do vice-presidente Marco Maciel e o PPB do deputado Ricardo Fiúza (*leia reportagem na página ao lado*).

Logo pela manhã, o governador pernambucano comunicou a três assessores que havia aceitado o convite para ser vice na chapa presidencial de José Serra (-PSDB). Revelou, também, que o anúncio oficial formalizando a dobradinha não seria feito em Brasília. Nem ontem. “Vai ser no Recife. Como posso anunciar isso aqui? Vão dizer que abandonei o estado.” Em seguida, Jarbas telefonou para Serra e desmarcou o encontro que eles teriam no começo da tarde. “Não dá para ser agora. Vão fazer fotos nossas, isso será primeira página de todos os jornais e o que digo lá?”, justificou-se com o senador tucano. “Tenho muitos problemas locais.” Serra ainda insistiu, mas resignou-se e desligou o telefone, dizendo que entendia. Parte da estratégia do PSDB traçada para abafar os ecos do pronunciamento do ex-presidente José Sarney (PMDB-AP) da tribuna do Senado (*leia reportagens às pág. 10, 11, 12, 13 e 14*) tinha ido por água abaixo. Mas isso se configuraria uma preocupação boba: o “sim” de Jarbas já tinha se constituído num dos assuntos políticos do dia e concorria para ofuscar, de fato, o discurso do pai da governadora Roseana Sarney (PFL).

A sagração de Jarbas Vasconcellos foi um ritual ensaiado a fórceps pela Executiva do PSDB e pelo presidenciável oficial, José

Serra. Eram os tucanos que queriam o pernambucano na chapa de Serra, e não a turma do PMDB. “Olhe, eu não tenho uma afinidade, assim, exata, com a direção do partido”, advertiu Jarbas a Serra na penúltima conversa que tiveram antes da confirmação do convite. Era o que o tucano queria ouvir. Era o que ele esperava do governador a quem fez incontáveis sinais de deferência durante a passagem de quase quatro anos pelo Ministério da Saúde. Depois de São Paulo e do Rio de Janeiro, Pernambuco foi o estado da federação que Serra mais visitou como ministro. Nessas visitas, que combinam com a antológica teimosia e compulsão de Serra, começou-se a construir a ponte destinada a fazer o pernambucano transitar do Palácio do Campo das Princesas, sede do

governo estadual, para almejar a sucessão do amigo Marco Maciel no Palácio do Jaburu (residência oficial dos vices).

GEDDEL NADA SABIA

Depois de advertir Serra de que não tinha “afinidade” com o comando peemedebista, Jarbas rumou para um almoço com o presidente nacional do PMDB, Michel Temer, e com os líderes do partido no Senado, Renan Calheiros, e na Câmara, Geddel Vieira Lima. Isso ocorreu na última terça-feira. Temer sabia que teria de sair do encontro com o sinal positivo do pernambucano. Renan almejou o posto, mas foi vetado pelo PSDB de São Paulo — quando era ministro da Justiça, trocou tiros pesados com o en-

tão governador paulista Mário Covas (morto em 1998, de câncer). Geddel resistiu abertamente aos titubeios jarbistas. “Você tem de aceitar agora, ou temos outro nome”, disse. “Quem?”, quis saber o governador. “Henrique Eduardo Alves”, propôs Geddel. Jarbas Vasconcellos rebateu com um “Pedro Simon é melhor”. O diálogo entre os dois é azedo.

Ao sair da conversa inconclusiva com Jarbas, o líder do PMDB rumou para o Congresso. Lá, cruzou com o deputado Sérgio Guerra (PSDB-PE), um dos fiéis escudeiros de Jarbas. Chamou-o para uma sala e trancou a porta. “O que esse cara quer?”, perguntou Geddel. Sérgio Guerra estranhou o desrespeito. “Que cara? O governador?”, quis saber. “É. Se ele demorar muito perde a vaga.” O

interlocutor pernambucano do líder peemedebista insistiu na conversa perguntando quem barraria o nome de Jarbas. “Henrique. Henrique Eduardo Alves, do Rio Grande do Norte”, explicou Geddel. “Tem ótimo trânsito aqui em Brasília, é da bancada, é nordestino, é bonitão e fotografa bem ao lado de Serra. Dia a seu governador que se decida.” Sérgio Guerra deixou incrédulo o gabinete de Geddel e reproduziu a conversa para Jarbas, que sorriu ao ouvi-la. O vice de Serra já era ele, mas Geddel não sabia. “Precisamos construir a solenidade dessa escolha. Essas coisas têm ritual. O PSDB precisa formalizar o convite ao PMDB, e amanhã o José Aníbal vai se encontrar com o Michel”, anunciou Jarbas para Sérgio Guerra. O tucano pernambucano confirmou, então, que Geddel pouco sabia.

Um dos rituais exigidos por Jarbas Vasconcellos tinha a ele próprio por protagonista. E precisava ser cumprido com urgência: comunicar tudo a Marco Maciel. Os dois se encontraram na noite de terça no Jaburu. Foi uma conversa franca, longa e pontuada por silêncios. “Ele falou pouco. Tenho certeza que não vai aceitar ser o candidato. E aí vai ser uma zorra difícil de resolver”, resumiu Jarbas para um secretário de Estado ao relatar o encontro com

Maciel. “São esses problemas regionais que me impedem de deixar Brasília, esta semana, como candidato a vice anunciado e oficializado. Pernambuco é complicado”, disse ao **Correio**.

Na hora do almoço de ontem cumpriu-se outro dos rituais de sagração. O presidente do PSDB, José Aníbal, visitou o colega do PMDB, Michel Temer, e brincou de tornar oficial a proposta de aliança presidencial entre os dois partidos. Como tudo fora acertado com antecedência, não havia muito a falar. A reunião foi rápida e só serviu para uma *photo-op*.

A coalizão das duas legendas que se separaram em 1988 (o PSDB nasceu de uma cisão do PMDB durante a Assembleia Nacional Constituinte) começou a ser ensaiada em janeiro de 2001, quando elas se uniram para fazer do peemedebista paraense Jader Barbalho presidente do Senado e do tucano mineiro Aécio Neves presidente da Câmara. Com a renúncia de Jader em outubro de 2001, obrigado a tomar essa decisão para não ser cassado por corrupção, Temer ganhou o comando de fato de um grupo expressivo do PMDB.

CIAO, ITAMAR

O terceiro compromisso ritual estabelecido por Jarbas para aceitar a candidatura de vice-presidente na chapa oficial tornou-se público quando o governador de Minas Gerais, Itamar Franco, renunciou à pré-candidatura presidencial pelo PMDB. José Serra foi o artífice desse anúncio. Num telefonema dado ao governador mineiro e ex-presidente, combinou os termos da rendição. Como moeda de troca, os tucanos prometeram imolar o ex-governador mineiro Eduardo Azeredo (PSDB), que deseja voltar ao Palácio da Liberdade desconstruindo a administração de Itamar. Ele foi avisado pelo comando partidário de que não terá apoio oficial nem extra-oficial para tamanha empreitada. O adversário Itamar foi devidamente comunicado disso. E capitulou. “Cumpridos os compromissos que assumi com a idéia da candidatura própria do PMDB. Perseguir nesse rumo seria inútil. Resta-me agora voltar o pensamento e a minha ação política para os interesses de Minas Gerais, que é o que os mineiros esperam”, afirmou Itamar em nota divulgada por um assessor (*leia reportagem à pág. 7*).

Agora, resta a Jarbas driblar a última e mais fácil tarefa ritual: sagrar-se vice de Serra numa convenção nacional do PMDB. Ávidos por dividir o poder federal, os peemedebistas sabem que essa é a melhor chance de o partido virar sócio de primeira classe da Presidência da República.

Teresa Maia/Diário de Pernambuco 20.12.01



“Não tenho uma afinidade exata com a direção do partido”